

O CONTEMPORÂNEO NA PESPPECTIVA DO (DA)MOTIVO + AÇÃO, NO CONTO “PASSEIO NOTURNO PARTE II”, DE RUBEM FONSECA

Ana Patrícia Sampaio Pereira (UEMASUL)

anapatriciasam@gmail.com

Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho (UEMASUL)

ana.carvalho@uemasul.edu.br

RESUMO

O artigo tem por objetivo fazer uma análise do conto “Passeio Noturno Parte II”, de Rubem Fonseca, tendo em vista os aspectos contemporâneos que são percebidos na obra e que permitem ao leitor um contato com os fatos presentes na concepção da vivência diária, sendo apresentados no gênero prosa. O conto contempla uma linguagem de fácil acesso e é permeado por acontecimentos rotineiros que desperta em seu contexto, um olhar crítico aos modelos de sociedade que são percebidos na contemporaneidade. Sua relevância encontra-se na interação do leitor com o texto, momento em que as ideias são expostas na percepção dos acontecimentos e proximidade dos fatos apontados pelo autor e aproximação ao momento histórico, percebido nas cenas decorrentes do relatado. Para possível compreensão e análise foram realizadas leituras que trouxeram em seu escopo informações propícias aos estudos de Rubem Fonseca bem como sua interatividade com o gênero em estudo. Foram percebidos enquanto resultado que ainda há uma certa dificuldade em definir o que de fato seja literatura no contexto do contemporâneo.

Palavras-chave:

Contemporâneo. Prosa. Sociedade.

ABSTRACT

The article aims to analyze the short story “Passeio Noturno Part II”, by Rubem Fonseca, in view of the contemporary aspects that are perceived in the work and that allow the reader to have contact with the facts present in the conception of daily living, presented in the genre prose. The short story contemplates an easily accessible language and is permeated by routine events that awaken in its context, a critical look at the models of society that are perceived in contemporary times. Its relevance is found in the reader's interaction with the text, a moment when ideas are exposed in the perception of events and proximity to the facts pointed out by the author and closeness to the historical moment, perceived in the scenes arising from what was reported. For possible comprehension and analysis, readings were carried out that brought in its scope information favorable to the studies of Rubem Fonseca as well as his interactivity with the genre under study. As a result, it was perceived that there is still a certain difficulty in defining what literature actually is in the context of the contemporary.

Keywords:

Contemporary. Prose. Society.

1. Introdução

A sociedade contemporânea traz reflexões sobre o conceito de literatura, apontamentos, indagações em ter uma resposta quanto o que é a própria literatura. Responder tal pergunta não é tão simples, uma vez que o literário transcender as especulações e até mesmo definições não convincentes. Conforme Eagleton (2003), a literatura enquanto ficção é definida como “imaginativa”, o que corrobora para a contemplação de uma realidade fictícia.

Em virtude das transformações culturais que vem enfaticamente ocorrendo na contemporaneidade, para Perrone-Moisés (2006), nunca foi tão difícil definir literatura. O cenário atual requer leitura para que, enquanto leitores, os indivíduos possam compreender o que envolve a cultura literária.

Trazer o aluno para as questões da contemporaneidade por meio dos textos literários tem sido motivo de fortes indagações. Percebe-se que há alunos que não possuem motivação para essa vertente da literatura brasileira. E muitos preferem textos mais consagrados, como por exemplo, Machado de Assis e Monteiro Lobato, mas o professor precisa criar estratégias adequadas, por meio de metodologias variadas, para a introdução do texto literário contemporâneo, a fim de despertar nos estudantes o gosto pela literatura atual.

A análise do conto Passeio Noturno parte II de Rubem Fonseca na perspectiva do contemporâneo elenca saberes e concepções de uma sociedade cercada pelo capitalismo, desejos exacerbados de uns, expectativas de outros, pensamentos individualistas bem como uma corrida no próprio tempo.

2. O contemporâneo

O contemporâneo, na perspectiva literária, a datar dos meados do século XX traz interessantes temáticas a serem discutidas e construídas ao longo do tempo. Somos pertencentes a uma geração que busca nos vocábulos expressões capazes de fazer sentir, comover, alertar, discorrer e solucionar fatos através da palavra.

Neste sentido, o contexto capitalista apresenta transformações repentinas que afetam diretamente a vida do homem enquanto ser social. Tais transformações envolvem valores sociais, econômicos e políticos e

resultam na percepção da desordem, desigualdade, violência, preconceito e marginalização do ser. Estes fatores decorrem de situações em que o oprimido se rebela contra o opressor nas mais diversas esferas, utilizando argumentos que muitas vezes explicitam a necessidade de não mais silenciar, mas em demonstrar ações que o definam enquanto partícipe ativo de uma sociedade.

Na tentativa da compreensão acerca do contemporâneo, fazemos referência ao filósofo italiano Giorgio Agamben que apresenta um recorte das anotações de Roland Barthes, em que resumidamente afirma que “O contemporâneo é intempestivo”. As ações decorrentes do presente são imprevisíveis, ao mesmo tempo em que há necessidade de manter uma relação com o tempo, também se busca um certo afastamento para que a partir de então, possa-se inferir a respeito dos acontecimentos advindos da época, a fim de que se possa percebê-lo de forma mais precisa.

Agamben (2009, p. 17-18) afirma que “a entrada na temporalidade do presente é uma caminhada em direção a uma arqueologia daquilo que no presente não podemos viver (...)”, a sociedade apresenta vários modelos de culturas, de vivências e nos adequamos àqueles a que pertencemos desde origem. O caminho percorrido leva ao conhecimento e difusão de ideias, o retorno do que é apresentado se repete constantemente. Dessa forma, é difícil estabelecer uma origem para o contemporâneo. Agamben (2009) faz ainda uma aproximação com a ideia de poesia.

Para o autor supracitado, “a poesia, portanto, é sempre retorno, mas um retorno que é adiamento, retenção e não nostalgia ou busca por uma origem; é um caminhar, mas não é um simples marchar para frente, é um passo suspenso. (...)” (*Idibidem*, p. 19). Esta percepção traz a poesia como representação do que ainda não foi vivido no próprio ser contemporâneo. As rotinas ainda deixam lacunas a serem preenchidas pelo ser e fazer do homem contemporâneo.

Corroborando ainda com Agamben (2009, p. 60), “o poeta, que devia pagar a sua contemporaneidade com a vida, é aquele que deve manter fixo o olhar nos olhos do seu século-fera, soldar com o seu sangue o dorso quebrado do tempo (...)”. O momento de percepção do que presenteia o tempo é de suma importância para que o poeta possa intervir, uma vez que sua existência em um mundo contemporâneo, convida-o a consertar as fraturas ocasionadas pelo próprio tempo.

Para Schollhammer (2009, p. 9), “o contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, a uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de

captar seu tempo e enxergá-lo (...).” Percebe-se, na perspectiva desse teórico, que o contemporâneo tem a árdua missão de descortinar a escuridão contida no presente que, por vezes, apresenta-se em momentos de um passado que insiste, persiste na incidência do presente. O contemporâneo, portanto, é aquele que busca enxergar além do seu próprio tempo com a finalidade de responder a anseios presentes à luz de outros tempos.

Assim, a literatura desperta nos seres os diversos tipos de sentir o próprio mundo, sua relevância encontra-se nas formas de expressão, pensamentos, crítica de uma realidade vivida e sentida por uma coletividade. Segundo Perrone (2006, p. 35), “a importância da literatura contemporânea não pode ser definida fora de uma prática”, ela comunica-se com o leitor e chama a atenção da forma de reconhecer-se enquanto homem, nos apontamentos de uma escrita que não é apenas ficção, mas que traz em sua conjectura os valores de uma sociedade.

2.1. Rubem Fonseca

José Rubem Fonseca é um autor contemporâneo que nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, no dia 11 de maio de 1925. Sua trajetória traz um homem que teve muitas atribuições, entre elas: revisor de jornal, comissário de polícia, professor, executivo, estreando ainda como escritor nos anos de 1960, momento em que o Brasil passava por grande tensão política (Cf. FONSECA 2012).

É apresentado em Fonseca (2012, p. 78), que “em 1963, a primeira coletânea de contos, *Os prisioneiros*, foi imediatamente reconhecida pela crítica como a obra mais criativa da literatura brasileira em muitos anos (...)”, deixando expresso a importância da literatura na perspectiva da criação literária. Além de contos, Rubem Fonseca escreveu romances e novelas.

Em suas obras observa-se uma linguagem coloquial, simples, que expressa um contexto em que a violência urbana ganha forma. Apresenta um discurso que não procura rodeios para expressar o que de fato deseja, pelo contrário, é um discurso bem direto. Quanto aos personagens, apresentam-se como seres autênticos e vorazes, agem friamente diante das situações expostas, seu aspecto psicológico é evidenciado de forma nítida.

A publicação da coletânea “*Feliz Ano Novo*”, por exemplo, traz nos contos descritos demonstrações de uma realidade devastadora, onde a

crueldade é enfatizada, a linguagem utilizada causa reflexões a respeito das camadas sociais, que em sua maioria agem em decorrência da satisfação e realização de desejos próprios. Os protagonistas são apresentados em primeira pessoa, são autores da própria história. *Passeio Noturno Parte II* é um dos contos que deixam sua expressividade na coletânea apresentada.

2.2. A prosa

A prosa é um gênero textual cuja existência remonta à Idade Média, mas que chega ao Brasil somente no século XVII, por intermédio dos Jesuítas com o objetivo de catequização dos povos indígenas. A prosa é introduzida por meio dos Sermões do padre Antonio Vieira, o qual a história apresenta como um defensor dos povos indígenas e que, por meio dos seus sermões escritos, expressava uma árdua vontade de combate à corrupção que assolava o Brasil e Portugal.

No Sermão dos Bons Anos (1642, p.3), Padre Vieira chega a afirmar que: “por duas razões se persuadem mal aos homens a crer algumas cousas: ou por muito dificultosas, ou por muito desejadas; o desejo e as dificuldade fazem as cousas pouco críveis”. O que suscita no leitor as possibilidades de enxergar os jogos de ideias, recurso estilístico presente na composição de seus Sermões característico da linguagem barroca.

Para Kaviski *et al.* (2014, p. 269), “a ficção brasileira da década de 1960 esteve sob forte influência da censura instaurada no país pelo regime militar”, momento em que a liberdade de expressão não existia. As pessoas que faziam uso da escrita como forma de expressão e clamor por liberdade fossem nos poemas, músicas, contos, notícias jornalísticas, entre outros não podiam dizer o que pensavam, eram considerados revolucionários, terroristas, e acabavam sendo presos e torturados por um pensamento que não comungava da ideologia governamental da época. Muitos eram exilados e precisavam encontrar novas localidades para que não pagassem a dura pena por um pensamento mais crítico a respeito dos acontecimentos vivenciados e praticados por um governo totalmente opressor.

Conforme aponta Schollhammer (2009, p. 27), “a principal inovação literária foi a prosa que Alfredo Bosi (1975) batizou de brutalismo, iniciado por Rubem Fonseca, em 1963, com a ontologia de contos “Os Prisioneiros”, que trazia em seu escopo a demonstração dos vícios, dores,

privações, horrores, virtudes. Uma violência bem acentuada cujos personagens eram compostos por prostitutas, policiais, delinquentes, entre outros grupos marginalizados que compõem a sociedade permeada de mazelas e corrupções.

A descrição da violência ganha atenção por demonstrar a crueldade, o sofrimento daqueles que, por vezes, não tem possibilidade para ingressar no que seria justo e igual.

Na prosa de Fonseca, a cidade não mais se oferecia como universo regido pela justiça ou pela racionalidade do espaço público, mas como realidade dividida, na qual a cisão simbólica, que antes se registrava entre “campo” e “cidade”, agora se delineava entre a “cidade oficial” e a “cidade marginal [...]”. Fonseca renovou a prosa brasileira com uma economia narrativa nunca antes vista, que marcaria as premissas da reformulação do realismo, cujo sucesso de público e de crítica consolidou um novo cânone para a literatura urbana brasileira. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 28)

Santiago (2004, p. 70), ao problematizar obra de Rubem Fonseca, observa que “o leitor de bons sentimentos se alimenta da brutalidade dos fatos que lhes são transmitidos (...). A brutalidade é o território onde os bons sentimentos do leitor exorcizam o feitiço armado pelo seu outro (...)”. Santiago, demonstra por meio de seu estudo crítico, a condição anfíbia da literatura brasileira da contemporaneidade, indicando que esta é, ao mesmo tempo, estética e política.

A condição estética apresenta a ressignificação da arte. Já a condição política traz uma mescla sobre as condições de vida do brasileiro em tempos de colônia, escravidão e regime ditatorial, a qual interferiu negativamente na vida dos partícipes das primeiras décadas de um governo republicano.

É perceptível na atualidade a diversificação da propagação do literário nas mídias eletrônicas, trazendo reflexões quanto à eficácia do que é exposto. Perrone-Moisés (2006) demonstra em seus escritos que Hannah Arendt era uma das pensadoras que se preocupava com a arte em uma sociedade dominada pela cultura de massa. Segundo a autora, todo o avanço tecnológico das últimas décadas tem indicado que a arte proposta pela internet e televisão tem sido bem atrativas ao público do século XXI, o que repercute na literatura enquanto arte.

A leitura de obras literárias é imprescindível à obtenção de conhecimento. Para muitos leitores tem a finalidade de partilha, realização pessoal, gosto pela leitura, desejo de ser escritor, entre outras possibilidades que os agradam.

Para Bachelard,

[...] Quanto a nós, afeitos a leitura feliz, não lemos, não releemos se não o que nos agrada, com um pequeno orgulho de leitura mesclado de muito entusiasmo. [...] Todo leitor, um pouco apaixonado pela leitura, alimenta e recalca, pela leitura, um desejo de ser escritor. Quando a página lida é bela demais, a modéstia recalca esse desejo. Mas o desejo renasce. De qualquer maneira, todo leitor que relê uma obra que ama sabe que as páginas amadas lhes dizem respeito. (BACHELARD, 1978, p. 189)

A contemplação da leitura está no deleite que emana da subjetividade do leitor. Para que existam leitores e escritores conscientes do seu papel em uma sociedade que passa por transformações constantes, é preciso possibilitar momentos mais atrativos e ricos de saberes literários. Como afirma Todorov, citando Constant (2009, p. 60): “A literatura refere-se a tudo. Não pode ser separada da política, da religião, da moral. É a expressão das opiniões dos homens sobre cada uma das coisas. (...)”. O que dá margem para explanação nos vários contextos educacionais.

3. *Deleite, aparência, motivo(ação) no conto “Passeio Noturno Parte II”, de Rubem Fonseca*

O conto “Passeio Noturno Parte II”, de Rubem Fonseca, é repleto de acontecimentos que demonstram os estímulos que levam o personagem principal a satisfação do ego, a excitação pelos fetiches, o (a) motivo (ação) que o encoraja na possível resolução dos problemas que deixam de existir a cada anoitecer.

O protagonista, apresentado em “Passeio Noturno Parte II” é um empresário que trabalha durante todo o dia e chega em casa sempre muito cansado, suas expectativas familiares não são satisfatórias, pois a rotina acaba afastando-o de um convívio harmônico. O passeio à noite é o calmante para os dias de mesmice e estresse advindos de uma luta diária.

Em mais um dia, voltando do serviço, um carro encosta no seu, buzinando insistentemente.

[...] Uma mulher dirigia, abaixei os vidros do carro para entender o que ela dizia. [...] Eu nunca tinha visto aquela mulher. Sorrir polidamente. [...] A mulher, movendo-se no banco do seu carro, colocou o braço direito para fora e disse, olha um presentinho para você. Estiquei o meu braço e ela colocou um papel na minha mão. [...] Chegando em casa, fui ver o que estava escrito. *Ângela*, 287-3594. À noite, saí como sempre faço. (FONSECA, 2012, p. 31)

Na citação acima é colocado em evidência mais um encontro do personagem principal, que vai discorrendo a respeito de toda a cena ao longo do conto, reafirmando a fragilidade e insignificância da mulher.

No dia seguinte telefonei. [...] Sou aquele cara do jaguar preto [...] Apanho você às nove horas para jantarmos, eu disse. [...] O que você pensou de mim? Nada. Eu laço você na rua e você não pensou nada? Não. Qual é o seu endereço? Ela morava na Lagoa, na curva do Cantagalo. [...] Perguntei onde queria jantar. Ângela respondeu que em qualquer restaurante, desde que fosse fino. (FONSECA, 2012, p. 31)

A identificação do personagem ocorre pelo objeto de luxo que ele utiliza “jaguar”, representando uma manifestação de poder econômico, que demonstra implicitamente superioridade. A personagem Ângela é descrita como uma mulher que utiliza excesso de maquiagem e demonstra uma certa maturidade, aproveita a ocasião e sugere um restaurante fino, a altura quem sabe do seu acompanhante. Durante o percurso ao restaurante, conversaram a respeito da profissão de Ângela que afirmou ser atriz.

Chegaram ao restaurante Mário, que ficava na rua Ataulfo de Piva, primeira vez que Ângela visitou aquele lugar, também a última, embora não passasse pelo pensamento da personagem que aquele encontro não teria uma continuidade. Ângela pediu um martini e ao longo da conversa insistia:

[...] falando sério, você não pensou nada mesmo, quando eu te passei o bilhete? Não. Mas se você quer, eu penso agora, eu disse. Existem duas hipóteses. A primeira é que você me viu no carro e se interessou pelo meu perfil. [...] E a segunda hipótese? Que você é uma puta [...] Ela olhou para mim querendo demonstrar sua superioridade, levantando a sobrancelha – era má atriz, via-se que estava perturbada – e disse: você mesmo reconheceu que era um bilhete escrito às presas [...] Uma puta inteligente prepararia todos os bilhetinhos em casa [...]. E se eu jurasse a você que a primeira hipótese é verdadeira? Você acreditaria? Não. Ou melhor, não me interessa [...]. (FONSECA, 2012, p. 32)

Ao sair com Ângela, o protagonista busca solucionar os problemas advindos do seu dia a dia, mas a moça em si, era desprovida de significado para ele, não complementava em nada, ser puta ou não, nada mudaria o cenário da cena ocorrida no restaurante.

A comida foi escolhida e Ângela tomou mais dois martinis. O acompanhante naquele momento intervém e diz: “(...) Eu se fosse você não bebia mais, para poder ficar em condições de fugir de mim, na hora em que for preciso” (FONSECA, 2012, p. 32). Ângela totalmente des-

norteada, frágil em seus pensamentos de mulher, diz em tom de desabafo que nunca foi tão humilhada.

O protagonista do conto, em suas condições de humano e perverso em ações, inicia uma expectativa organizada em pensamento, demonstrando que nada ali traz emoções, mas o que está por vir, sacia o ego, traz resistência para outros dias futuros carregados de mesmice, mas que ao chegar à escuridão da noite, tudo é resolvido e perceptível com a mais frágil de todas as situações.

Ângela em seu discurso trêmulo e sem expectativa diz que não pretende fugir e continua a beber, isso traz aborrecimento ao narrador, porém ele suporta tudo com o ar de felicidade, uma vez que o esperado com tanta frieza, ainda está por vir e será mais um fetiche realizado com êxito.

Continuam a conversar e o diálogo vai perdendo o sentido notório e plausível, as expectativas de Ângela já não mais faziam sentido, aquele jantar seria lembrado por toda uma vida se a vontade de viver não fosse abortada precocemente, seriam muitos sonhos, muitas vontades e verdades ao longo do caminho, porém não seriam possíveis sequer de serem pensadas e muito menos vividas.

[...] Vamos embora? eu disse. Entramos no carro. [...] Vou deixar você um pouco antes da sua casa.[...]Sou casado. O irmão da minha mulher mora no teu edifício [...]. A gente não vai se ver mais? Ângela perguntou. Acho difícil. Todos os homens se apaixonam por mim. Acredito. E você não é lá essas grandes coisas. O teu carro é melhor do que você, disse Ângela. Um completa o outro, eu disse. (FONSECA, 2012, p. 33)

A superioridade do personagem principal é bem expressa, deixa claro em seu discurso o prazer em mostrar a desvalorização da mulher enquanto ser. O desejo do protagonista é colocado em evidência e no momento em que o realiza, acaba silenciando os sonhos de quem o acompanhava.

Ao saltar do carro, angustiada com o ocorrido no jantar, Ângela vai andando pela calçada, coração palpitando forte com a decepção do encontro, sua leveza no andar demonstra a fragilidade do momento, e assim, a contemplação do ato inóspito passa a satisfação do outro que julga:

[...], fácil de mais, e ainda por cima mulher [...]. Apaguei as luzes e acelerei o carro. [...]. Ninguém havia escapado. Bati em Ângela com o lado esquerdo do pára-lama, jogando o seu corpo um pouco adiante, e passei, primeiro com a roda da frente – e senti o som surdo da frágil estrutura do

corpo se esmigalhando – e logo atropelei com a roda traseira, um golpe de misericórdia, pois ela já estava liquidada [...]. (FONSECA, 2012, p. 33)

O hábito de um fetiche rotineiro alimenta e revigora as forças do protagonista do conto, insiste no trato da mulher em um ser vulnerável, uma presa fácil, um ser desprovido de significância, alheio a própria existência. A escuridão é aliada do momento, a falta de luz traz o anseio, a expectativa do esperado. A crueldade e frieza deixam suas marcas cravadas no motivo, que desencadeia a ação criminosa, exorbitante, catastrófica, uma vez que é a satisfação do ego em sentir-se vivo e com combustível revigorado para um novo amanhecer.

Em “Passeio Noturno Parte II”, é observado que ao retornar para casa, o protagonista age como se tudo estivesse no lugar, deita-se e aproveita a solidão da noite. O dia seguinte traz as mesmas intempéries e assim o personagem segue o curso da vida.

Assim, a obra analisada nos permite perceber a fragilidade da mulher, a satisfação do ego do protagonista, a ideia de poder, o motivo, ações que vão sendo desenvolvidas ao longo do conto e como diria Candido (2006, p.25), “(...) a obra como organismo, permite no seu estudo levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e a motivam (...)”.

4. Considerações finais

A partir do estudo desenvolvido, observa-se que, ainda é evidente a dificuldade em chegar-se ao entendimento do que de fato é literatura, uma vez que possibilita ao próprio aprendente diversas maneiras de expressar pensamentos e vivências definidas por teóricos ou até mesmo por uma completude de fatos empíricos que lhes concede várias definições.

Ensinar literatura e discorrer sobre sua importância no cenário da sociedade do século XXI também tem seus entraves, vive-se em uma sociedade capitalista em que a economia de mercado tem real relevância, o que vende é o que está em alta. Nesse contexto, a literatura é apresentada como algo de pouco valor, e não sendo um produto rentável, implica um olhar diferenciado quanto a sua relevância e permanência no contexto atual.

Destarte, os professores precisam inserir na dinâmica escolar metodologias diferenciadas, atividades que possam envolver o estudante nos

contextos de leitura, levando-os ao protagonismo e percepção de que a literatura é indispensável na aquisição e difusão de conhecimento.

Trabalhar prosa, poesia em contexto educacional nunca foi tão difícil, pois a função pedagógica se distancia da exigência do mundo de trabalho exigido pelas grandes empresas. Porém o que se percebe é que a literatura transforma pensamentos, traz o rebuscar de uma comunicação mais interativa, aguça a criticidade dos que a buscam enquanto conhecimento.

Assim, o motivo estará sempre presente nas ações, analisá-lo é primordial para que se possa inferir na realidade do contemporâneo. Proporcionar momentos literários, com obras que de fato despertem o interesse dos estudantes é primordial. Apresentar um conto como o exemplificado na obra de Rubem Fonseca traz reflexões do contemporâneo, da sociedade capitalista, do indivíduo moldado pelo consumismo exacerbado que envolve e distancia o homem do que é mais importante: família fonte de amor, prosperidade e continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os Pensadores.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 1. Martins Fontes, 2003.

FONSECA, Rubem. *Feliz Ano Novo*. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).

KAVISKI, Ewerton; FUMANERI, Maria Luísa Carneiro. *Literatura brasileira: uma perspectiva histórica*. Curitiba: InterSaber, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da Literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTIAGO, Silvino. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. 1. UFMG, 2004.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Outra fonte:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. *Padre Antonio Vieira*. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br> Acesso em: 20 de março de 2021.